

HORIZONTE INFANTO-JUVENIL EM CONTOS DE LUIZ VILELA

HORIZONTE INFANTIL Y JUVENIL EN CUENTOS DE LUIZ VILELA

Marcos Rogério Heck Dorneles¹

Resumo: Artigo sobre a variabilidade do horizonte infanto-juvenil em contos de Luiz Vilela, em conjunção com algumas asserções da recepção crítica de Vânia Maria Resende (1988). Para tal, o texto dimensiona e reflete acerca de aspectos como a disposição de algumas modalidades composicionais dos contos de Vilela, a importância dos parâmetros iniciais sinalizados por Resende (o contorno da recepção das obras, a simultaneidade das contradições das personagens, o papel da liberação dos estados afetivos, e a configuração simbólica) e algumas proposições de Antoine Compagnon (2012) e de Tzvetan Todorov (1991) sobre o exame de textos críticos.

Palavras-chave: Crítica literária. Literatura brasileira. Horizonte infanto-juvenil.

Resumen: Artículo sobre la variabilidad del horizonte infantil y juvenil en cuentos de Luiz Vilela, en conjunción con algunas aserciones de la crítica Vânia Maria Resende (1988). Para eso el texto dimensiona y reflexiona acerca de aspectos como la disposición de algunas modalidades composicionales de los cuentos de Vilela, la importancia de los parámetros iniciales señalados por Resende (el contorno de recepción de las obras, la simultaneidad de las contradicciones de los personajes, el papel de la liberación de los estados afectivos, y la configuración simbólica) y algunas proposiciones de Antoine Compagnon (2012) y de Tzvetan Todorov (1991) sobre el examen de textos críticos.

Palabras clave: Crítica literaria. Literatura brasileña. Horizonte infantil y juvenil.

1 Introdução

Esfregou a mão com força nos lábios, cuspiu de novo, tornou a cuspir. Sentia a garganta se emborcando para dentro e se emendando com o estômago.
Luiz Vilela.

Certos conjuntos de obras literárias se movimentam em torno de um universo semelhante quanto a algumas buscas temáticas e à determinada aplicação artística. Esses conjuntos têm em comum a dedicação à esfera de ação em que (de forma principal, paralela ou tangencial) o texto ficcional está imbricado no horizonte infanto-juvenil por intermédio da presença de crianças e adolescentes como personagens, por meio do

¹ Doutorando em Estudos Literários junto à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Curso de Letras, CPAQ, Aquidauana, MS. E-mail: marcos.dorneles@ufms.br

direcionamento ao público-alvo, ou através da constituição dos motivos que compõem o tema. Tal reunião de produções percorre grande sucessão de épocas e oscila em relação aos seus propósitos composicionais, de modo que, nessa direção, propagam-se, dentre outras, as seguintes ramificações: a) a chamada literatura infanto-juvenil, considerada como fazer especializado que se institui a partir do século XIX, tal qual preconiza Nelly Novaes Coelho (2000) acerca desse paradigma que se desdobra nos séculos XX e XXI; b) as modalidades textuais de origem ancestral, em suas variantes oral e escrita, ilustradas nas obras primordiais das fábulas, dos contos maravilhosos e dos contos de fadas (essas modalidades também se caracterizam pelo alargamento etário dos seus destinatários e pela universalidade dos exemplos e da configuração imagética); c) as publicações literárias destinadas ao público adulto, em que ocorre a presença de personagens de estratos infantil e juvenil ou, então, em que há uma ambiência desses grupos etários nos textos (apesar dessa prévia destinação, tais publicações podem ser inseridas num espectro mais amplo das faixas etárias quando se faz possível a existência de certa similaridade fabular ou alguma confluência de propósitos – no primeiro caso, a modulação das narrativas de formação; no segundo, a apresentação de modalidades de expressões nostálgicas e/ou melancólicas).

O universo dessas três ramificações não se configura de maneira pacífica, pois, em jogo, dispõem-se a escolha dos ângulos adotados e a influência das apreciações. Assim, a conjugação desse universo necessita lidar com adversidades como: a pasteurização e/ou a complexidade do arcabouço literário, a contraposição de cosmovisões, a transformação de costumes, o adiamento ou a aceleração dos momentos (rituais) de passagem do ser humano, a idealização da infância e da adolescência, a restrição editorial e social etc. A desconformidade da questão pode ser expresso, por exemplo, numa contradição evidenciada na correlação de que fábulas de Esopo (2010) possam ser mais “avançadas” quanto a traços de desprendimento comportamental do que parte da produção literária desse universo em várias épocas. Nesse processo, a atividade literária (e talvez as artes em geral) ainda não conseguiu ampliar uma combinação e uma atitude circunstanciais e objetivas que ultrapassem o senso comum de maneira evidente da mesma forma que várias atividades científicas alcançaram (no âmbito de sua prática profissional e de sua consolidação teórica). Daí que, muitas vezes, permeiam-se índices de afetação, hesitação, escrúpulo, maneirismo na marcha da sedimentação da atividade literária, como forma, talvez, de busca de aceitação editorial e social. Diga-se a propósito,

tarefa ingrata para gerações posteriores: encontrar uma “equação” que liberte a atividade literária “convencendo” da sua necessidade intrínseca para outrem.

Para este trabalho escolhemos a terceira ramificação do universo apontado anteriormente, por meio da seleção de contos da literatura brasileira contemporânea, em especial, de algumas narrativas curtas do escritor Luiz Vilela, em que se dá a ambiência infantil e juvenil e/ou a presença de personagens dessas faixas etárias. Nessa abrangência, situamos como parâmetro de consideração possíveis órbitas desencadeadas em duas esferas. Em 1988, a publicação do livro *O menino na literatura brasileira*, de Vânia Maria Resende, em particular, o capítulo “O sadismo na infância”, do qual, dentre outros escritores, são destacados trinta contos concernentes aos quatro primeiros volumes de contos do escritor mineiro (lançados nas décadas de 1960 e 1970): *Tremor de terra* (1978), *No bar* (1984), *Tarde da noite* (1980) e *Fim de tudo* (2016). E, em 1996, o lançamento de uma antologia de narrativas, *Contos da infância e da adolescência* (2005), da qual são apontados treze contos pertencentes aos três primeiros livros da contística de Vilela. Para tal intento, este estudo procura dialogar com algumas proposições de Antoine Compagnon (2012) e de Tzvetan Todorov (1991), vinculadas às atividades de apreciação metacrítica de textos relacionados aos estudos literários (de feição criativa, crítica e teórica). De sorte que, postula-se neste processo metacrítico: coligir informações acerca dos elementos e princípios que constituem a organização do texto de Resende; inferir resultantes que apontem a acuidade das proposições e, por outro lado, que controvertam pontos recônditos no conjunto dos argumentos. Dessa feita, busca-se propiciar a apresentação de alguns contos de Vilela à luz de aspectos e critérios distintos.

2. Metacrítica

Como propósito maior, porém, sujeito a injunções diversas, estabelecemos para este estudo e para o exercício de uma prática apreciativa a sugestão temporária de uma implicação recíproca entre momentos das tarefas de crítica e de reflexão. Para tal, apontamos o suporte da coordenação das atividades e da aplicação de esforços do universo de metacrítica literária sustentado na constituição provisória de um arranjo distributivo entre pelo menos três intentos diferentes. Primeiramente, no âmbito anterior à metacrítica, o estabelecimento do ato ou da prática da busca de um conhecimento imediato, quer dizer, de uma apreensão “simples” daquilo que está em correlação instantânea à percepção. Esse desígnio inicial é fundamental, pois, evita certa inversão

hierárquica na relação obra-crítica, e adia um processo de interpretação associativa para momentos mais específicos da exposição crítica. Em segundo lugar, a constituição da atribuição indagativa da metacrítica em variações e constantes que permitam encontrar os impulsos e as limitações da crítica literária, para lá do sistema de idéias adotado pelo experto da atividade. Por último, como meta desejável, a edificação do desempenho da atividade metacrítica em escopos de expansão dos horizontes avaliativos, procurando dialogar com as conquistas efetuadas pelos trabalhos críticos, e redimensionar as proposições dispostas, independentemente de possíveis erros ou desvirtuamentos teóricos, críticos e artísticos.

Embora estabeleça diversos pontos de contato no mesmo universo, Antoine Compagnon (2012) situa as atividades da teoria da literatura e da crítica literária em instâncias distintas. Para Compagnon, conquanto a teoria da literatura não tenha surgido nos primórdios da Antiguidade clássica com essa denominação, a atividade inicial correspondente tinha como pendor maior os desígnios prescritivos e normativos da criação literária. Não obstante, nos últimos três séculos a teoria da literatura apresenta as direções organizativa, codificadora, descritiva e analítica como finalidades mais proeminentes de atuação. Já quanto à crítica literária, Compagnon (2012) pontua a predominância de uma orientação voltada para aspectos relacionados à prática da leitura e à emissão de apreciações em relação à obra literária, e uma procedência profissional bastante diversa, que vai desde confrarias amadoras, passa por diversas modalidades de expressão jornalística e chega às variadas correntes críticas do universo acadêmico. Portanto, para o teórico, a crítica literária situa-se nos âmbitos das atividades de recepção e de valoração dos textos, e se caracteriza pela capilaridade social de suas atividades. Contudo, Compagnon indica nas atividades e nos atributos da teoria da literatura um caráter dinâmico de constante indagação em relação aos próprios sistemas ou conjuntos de códigos propostos, ou, então, de permanente esquadramento dos pressupostos que sustentam as diversas críticas literárias (COMPAGNON, 2012, p.17): “Há teoria quando as premissas do discurso corrente sobre a literatura não são mais aceites como evidentes, quando são questionadas, expostas como construções históricas, como convenções.”. Por conseguinte, a teoria da literatura se efetiva enquanto atividade de incidência quando estabelece como pendor filosófico as práticas simultâneas de reflexão e de crítica da literatura e dos estudos literários.

Neste ponto, retornamos a um dos intentos que apontamos anteriormente como fator de contribuição para uma constituição provisória da prática da crítica literária: a

manutenção de uma instância, camada ou porção da obra literária a ser prezada no processo inicial de apreciação avaliativa. Dimensão de relevo no exame do texto literário, a afirmação ou a negação de fatos, ações ou estados, visíveis a uma detecção feita por uma apreensão inicial, estabelece a possibilidade de uma estratégia de vinculação a algumas esferas do meio humano, e, por outro lado, dificultam o despreço ao debate acerca da interação da vida social junto ao dínamo criacional. Nessa vereda, orientamos este trabalho em direção a uma ponderação sobre uma controvérsia recorrente nos estudos literários. Tzvetan Todorov (1991) sinalizara a similaridade de direcionamento de distintas vertentes teóricas e críticas, as quais adotam um procedimento idêntico quanto à existência de uma imanência no tratamento indagativo nos estudos literários. Destarte, Todorov abordara certa unanimidade que predominava na crítica literária e na teoria da literatura nos séculos XIX e XX, caracterizada por uma espécie de renúncia da chamada busca pela “verdade”. Tal imanência poderia ter como causa o embaraço causado pela configuração da inevitável presença de contrariedades entre a constituição da obra literária e o estabelecimento de proposições definitivas em tal processo apreciativo, conforme pontuara Todorov²:

Lo que viene hoy a la mente, como materialización central de ese proyecto, es la crítica estructural, ya tenga por objeto los temas (exploraciones del imaginario, de las obsesiones conscientes o inconscientes) o el propio sistema expresivo (procedimientos narrativos, figuras, estilo). Pero la crítica histórica y filológica, tal como se practica desde el siglo XIX, es igualmente fiel al proyecto imanentista, puesto que el sentido de cada texto no puede establecerse sino en relación a su contexto particular, y la tarea del filólogo consiste en explicar ese sentido sin emitir juicio alguno al respecto. Más cercana a nosotros, la crítica de inspiración nihilista (y no ya positivista como la filología), que demuestra que todo es interpretación y que el escritor se empeña en subvertir su propia ideología, se mantiene aún en el ámbito del mismo programa, volviendo más quimérica que nunca toda esperanza de alcanzar la verdad. (TODOROV, 1991, p. 14)

Embora composto por vertentes tão díspares, o projeto imanentista apontaria a similaridade dos procedimentos indagativos por intermédio da preterição do juízo e pela

² “O que me vem à cabeça hoje, como materialização nuclear desse projeto, é a crítica estrutural, ocupando como objeto os temas (explorações do imaginário, das obsessões conscientes ou inconscientes) ou o próprio sistema expressivo (procedimentos narrativos, figuras, estilo). Porém, a crítica histórica e filológica, tal como se pratica desde o século XIX, também professa o projeto imanentista, posto que o sentido de cada texto não possa se estabelecer senão em relação a seu contexto particular, e a tarefa do filólogo consiste em explicar esse sentido sem emitir juízo algum a respeito. Mais próximo a nós, a crítica de inspiração nihilista (e não já positivista como a filologia), que demonstra que tudo é interpretação e que o escritor se empenha em subverter sua própria ideologia, mantém-se ainda no âmbito do mesmo programa, volvendo mais quimérica que nunca toda esperança de alcançar a verdade.”. Tradução nossa.

consideração de que interpretações são ilusórias frente ao esquivo texto literário. Sob esse tom, aparentemente neutralista, as correntes críticas apontadas teriam como meta a persecução de um apriorismo infenso à extração de uma “sabedoria” do texto literário enquanto tal. Pois, suas atividades estariam nucleadas pelo princípio da dependência (em relação à ordenação dos elementos) ou pelo princípio da insuficiência (quanto à acentuação do caráter ambíguo e/ou contraditório). Portanto, se fôssemos seguir os vestígios e as advertências evocadas por Todorov nessa proposição, teríamos, paradoxalmente, a consideração de que o corolário desses movimentos críticos acabaria avessamente por inviabilizar ou negar a gênese que os criou e impulsionou: por exemplo, no caso do estruturalismo, a criação de uma universalidade e de uma “paridade” das narrativas dos diferentes povos nas versões iniciais de Claude Lévi-Strauss e de Vladimir Propp (BONNICI, 2009); e, na variante niilista, a sugestão de determinada insubmissão à tirania dos fios condutores da hierarquia de valores dos sistemas sociais ou políticos (NUNES, 2012).

3. In-fans

A recorrência do conjunto de temas relacionados ao universo infanto-juvenil sinaliza uma expressiva importância de tal procedimento na produção contística de Luiz Vilela. Nesse horizonte, a pluralidade de modalidades de participação de personagens ou de alusões a tal faixa etária exprime uma atenção especial aos problemas vinculados a essa esfera social. Além disso, o lançamento de uma antologia de narrativas, *Contos da infância e da adolescência* (2005), da qual são apontados treze contos pertencentes aos três primeiros livros da criação contística de Vilela, reforça essa aplicação de esforços. Referente a esse segmento da criação literária do escritor, em decorrência dos exames realizados, postulamos a oscilação composicional dos contos com ambiência infantil e juvenil em espectros diversos, que vão desde a feição melancólica e/ou nostálgica – “O violino” (1978), “A volta do campeão” (2016), e “Circo” (1984); passam pela chamada expressão da naturalidade comportamental – “Anéis de fumaça” e “Andorinha” (1984); e chegam aos chamados comportamentos sem-noção – “Piabinha” (2016).

Consoante à possibilidade de expressar uma forma de interação entre a problematização de temas infanto-juvenis e uma possibilidade de criação literária de considerável tensão, ilustramos tal intento com a presença da nona narrativa do livro *No bar*. Nesse caminho, a constituição do conto “Avô” transita da oscilação composicional

de feição melancólica e/ou nostálgica à chamada naturalidade, composta por Vilela. Observemos o fragmento:

O terreiro imóvel, o ar abafado, a escuridão chegando devagar e se empoleirando nas árvores. Ele cuspiu. Esfregou a mão com força nos lábios, cuspiu de novo, tornou a cuspir. Sentia a garganta se emborcando para dentro e se emendando com o estômago. Segurando-se ao muro, ele vomitou. (VILELA, 1984, p.54)

A narrativa trata de sensações de um neto, anteriores e posteriores, diante da morte de seu avô (idoso já adoentado e combalido há algum tempo, porém, outrora era robusto e vistoso). Nessa frequência, um universo, até então oculto para o menino, é constituído abruptamente em sua crueza e pragmatismo no conto. Desde as relações sociais, graus de amizades, tipos de proximidade de parentes, até formas de interação com os pais são despejados diante do menino. Estabelece-se no conto o predomínio de um clima de desconforto e perplexidade, No entanto, um dos traspases corroborados no conto é a experiência de uma descoberta silenciosa, quase corporal. Nessa modulação, podemos situar uma perspectiva de caráter dinâmico da literatura: o *ethos* do conhecimento:

[...] ela [a literatura] percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes. Segundo a bela expressão de Hermann Broch lembrada por Kundera, ‘a única moral do romance é o conhecimento; o romance que não descobre nenhuma parcela até então desconhecida da existência é imoral’. [...] A literatura nos liberta de nossas maneiras convencionais de pensar a vida – a nossa e a dos outros -, ela arruína a consciência limpa e a má fé. [...] ela resiste à tolice não violentamente, mas de modo sutil e obstinado. Seu poder emancipador continua intacto [...]. (COMPAGNON, 2009, p.50).

Nesse horizonte de desobstrução das amarras morais situamos a recepção crítica de Vânia Maria Resende (1988). A pesquisadora realiza um exame acerca de parte dos contos da literatura brasileira contemporânea com ambiência, presença ou protagonismo infantil e juvenil, porém, com destinação adulta. Em seu estudo Resende dialoga com propostas provenientes da obra organizada por Fanny Abramovich, *O sadismo de nossa infância* (1981), advinda de autores diversos, dentre eles, especialistas sobre comportamento humano e fenômenos psíquicos, como o psiquiatra Antônio Carlos Cesarino, o psicanalista Roberto Cunha e o psicólogo Norberto Abreu e Silva Neto. Além disso, Resende empreende interações com algumas proposições de Bruno Bettelheim (1980). Na sua recepção crítica, Resende situa a presença da infância (e, por extensão, da adolescência) em trinta contos dos quatro primeiros livros da produção contística de Luiz

Vilela. Resende (1988), numa exposição abreviada, tece comentários sobre os contos “Triste”, “Suzana”, “Causa perdida”, “Piabinha”, “Preocupações de uma velinha”; e, acrescentando um círculo interdisciplinar, a crítica examina as narrativas “Meus oito anos”, “Meus anjos”, “Carta”, “Andorinha”, “Sofia” “Um caixote de lixo” e “O menino”.

Tanto nas narrativas em que dispõe apenas uma apreensão inicial quanto naquelas em que efetua a adição de uma interpretação associativa, Vânia Maria Resende seleciona como aspecto principal de reconfiguração o apreço à concomitância de aspectos contraditórios do comportamento humano, à expressividade da função catártica, e à imprevisibilidade da condução da diretividade simbólica na constituição dos contos (*apud* BETTELHEIM, 1980; ABRAMOVICH, 1991). Efetivamente, em sua recepção crítica sobre tais narrativas, Resende confere e atribui considerações que contravertem muitas expectativas sobre a criação e produção literária que abarquem esse universo etário. Do meio delas, destacamos: a indicação de um horizonte de ruptura da idealização da infância e da adolescência sobre certos saudosismos inverossímeis; a sugestão de um processo de afirmação de impulsos elementares do ser humanos; e a proposta de revalorização das narrativas primordiais (fábulas, contos maravilhosos e contos de fadas). Não obstante a realização desses movimentos receptivos de redirecionamento e de ampliação, esta pesquisa questiona a dimensão dada por Resende ao contorno semântico da assertiva “sadismo na infância”, enquanto proposição que engendra o alinhamento de algumas considerações no tocante aos contos de Luiz Vilela:

Nos textos analisados até aqui depreendemos, na personalidade de meninos, atos de destruição e agressividade, em que se concretizaram fantasias normais, mas em certas personagens infantis vimos também inconseqüências de efeitos fatais, condicionadas sempre pela fantasia, ora de dimensão ingênua, ora de dimensão instintiva irracional. (RESENDE, 1988, p.200).

Nesse caminho, constatamos que Resende especifica e discorre sobre uma relação de práticas comuns à infância e à adolescência, tais como: o desencadeamento de condutas agressivas, a erupção do entusiasmo diante de ações descomedidas, a expressão recorrente de bisonhices, e a apresentação de perturbações em meios sociais frente a transformações psicofisiológicas. No entanto, o aprofundamento indagativo de Resende acerca do sadismo se situa nos planos de fixação das instâncias de evasão indisciplinada e de percepções imprudentes, atribuídas a crianças e adolescentes. Tal direcionamento pode ser ilustrado em procedimento análogo, sintetizado nas apreciações da pesquisadora

sobre os contos “Sofia” e “Um caixote de lixo”, ambos pertencentes ao livro *No bar* (1984):

Nos dois contos em que nos detemos agora, voltamos a repisar os mesmos pontos: o primeiro, que encontra na relação adulta repressora e inibidora das fantasias infantis o seu **escape desvirtuado**; o segundo, que vê na não responsabilidade ou na não seriedade da criança, ao romper com as regras adultas, o impulso de liberdade e a indefinição de valores, devido à **imaturidade da sua consciência**. [...] A criança sente gosto em perturbar os mais velhos, muitas vezes divertindo-se com as suas reações impetuosas. (RESENDE, 1988, p.200; grifos nossos).

Os dois contos guardam semelhanças em sua composição: ambos têm em comum o convívio de meninos junto aos mercadinhos de bairro, a prática de travessuras para causar tormento a pessoas mais velhas e a presença quase caricatural de imigrantes ou descendentes de imigrantes que desenvolvem atividades comerciais no Brasil. Em “Sofia” (1984) o conto é disposto em terceira pessoa do discurso e não determina a figura de um protagonista ou narrador dentre os meninos. A narrativa expõe uma relação oscilante entre os meninos e a proprietária do mercadinho, Sofia, imigrante e/ou descendente advinda do Oriente Médio. Essa relação alterna vários tipos de diabruras e traquinices (assombros com caveiras de mamão, máscaras horrendas e animais repulsivos; sumiço de objetos de funcionamento do mercadinho; estouros de busca-pés etc.) com momentos de afeição (quando os meninos ajudavam Sofia a limpar os tomates que chegavam ao comércio; no aniversário dela; no juramento feito entre eles de não fazerem mais traquinagens) até o adoecimento e a morte de Sofia.

O conto “Um caixote de lixo” (1984), diferentemente, é disposto em primeira pessoa e tem na figura do narrador André uma espécie de filtro da infância frente ao mundo adulto. André juntamente com seu amigo Milton galhofam arremedando as falas e os trejeitos do seu Sadaó e da Dona Mikiko (imigrantes japoneses proprietários do mercadinho). Numa determinada noite eles escondem o caixote de lixo do estabelecimento, porém, são descobertos e, no dia seguinte, são denunciados pela Dona Mikiko às suas respectivas famílias. A partir de então, o conto gira em torno das decorrentes punições impostas aos dois, mais especificamente a André. A fim de adiar e/ou evitar a punição, o narrador protagonista delonga o seu temor indo à casa da avó. Ao retornar à casa dos seus pais, André fica desolado ao receber de seu pai uma repreensão e um castigo (permanecer de joelhos num quatinho escuro). De maneira análoga, ocorre nos dois contos a constituição de um panorama de traquinagens e desatinos no rol de

ações dessa faixa de personagens situada no horizonte infanto-juvenil. Nessa direção, consideramos truncada uma relação automática de semelhança entre sadismo e aspectos comportamentais da conduta infanto-juvenil, pois, a índole e o temperamento expressados nessas personagens dos contos não intentam alcançar dimensões próprias aos preceitos de configuração do sadismo (em suas variantes psicopatológica, obsessiva, erótico-consensual, mercadológica etc.). Assim, na operação adotada, ponderamos que Resende privilegia alguns pontos que foram vinculados ao sadismo de maneira oblíqua no transcurso desses três últimos séculos. Uma vez que no arcabouço composicional do escritor Donatien-Alphonse-François, o Marquês de Sade, também eram dispostos elementos filosóficos de contraposição às doutrinas absolutistas e cristãs, e, de outra parte, havia uma desproporção entre as instâncias biográficas e literárias no propósito científico de perfilhação das práticas de dominação/sujeição sádicas, conforme discorre Rafaela Nichols Calvão:

Embora a literatura escrita pelo Divino Marquês³ fosse repleta de orgias, assassinatos entre outras torturas, sua vida não possuía essa agitação. Mas essa vida, sem a maldade exposta pelos seus personagens, não legitimaria o discurso científico de Krafft-Ebing sobre o sadismo. Uma perversão sobre um homem que passou 27 anos preso, que possui apenas dois casos envolvendo tentativas de tortura ou assassinato, e um deles sem confirmação. Baseada na vida de Sade, essa perversão perderia o valor, afinal um homem capaz de escrever todas aquelas atrocidade deve ser capaz de cometê-las. Então a imagem sádica do Marquês permaneceu para dar veracidade ao discurso da ciência. (CALVÃO, 2011, p.8)

No entanto, anteriormente, no decorrer da própria exposição de Vânia Maria Resende, podemos sinalizar outros direcionamentos, dentre os quais, um encaminhamento rumo à desconstituição de alguns estereótipos da infância e da adolescência (do meio deles, os paradigmas de pureza, inocência e imaculabilidade). Sob esse aspecto, a pesquisadora dialoga com proposições de Antônio Carlos Cesarino, as quais evidenciam a subestimação que, muitas vezes, ocorre a respeito de certos fatores inatos da conduta humana:

[...] os adultos criam o estereótipo de que a criança é um anjo inocente, ingênuo e sem maldade, que só fará algo de maldoso quando deformada por circunstâncias específicas. Isso é só parcialmente verdadeiro (o pedaço das circunstâncias; o resto é totalmente falso, pois as crianças são gente e como tal têm maldades e bondades) As deformações impostas pela cultura no instinto agressivo podem realmente levá-lo a assumir aspectos perturbadores. A deformação mais grave é a decorrente da inibição desse instinto. (CESARINO *apud* RESENDE, 1988, p. 169).

³ A autora salienta que essa designação advém dos surrealistas.

Nessa interface, o delineamento efetuado por Resende amplia o debate acerca da disposição de temas, personagens e leitores vinculados à ambiência infanto-juvenil, pois, universaliza-se o drama dessa faixa etária e se propõe uma ruptura de apriorismos circunscritos, muitas vezes, a elucidações esquemáticas ou a exercícios de entretenimento de baixa tensão. No entanto, o debate retorna a um contorno indagativo e teórico de reposicionamento, o qual reverbera uma dualidade de ser mais amplo, porém, mais entranhado ainda.

4. Considerações finais

Este artigo buscou realizar um delineamento acerca de alguns contos de Luiz Vilela, caracterizados pelo horizonte infanto-juvenil em que ocorre o protagonismo, a participação ou a ambiência dessas personagens nas narrativas. Nesse sentido, este estudo procurou atribuir uma subdivisão preliminar entre modalidades de contos do escritor mineiro, buscou dialogar com alguns direcionamentos apontados Vânia Maria Resende (o âmbito da recepção das obras, a concomitância das contradições das personagens, o papel da liberação catártica, e a conformação simbólica das narrativas) e tentou utilizar alguns parâmetros das proposições de Antoine Compagnon e de Tzvetan Todorov acerca da apreciação metacrítica.

Para lá de controverter levantamentos que foram realizados anteriormente ou questionar propostas que foram elaboradas por teóricos e críticos precedentes, este trabalho delineou estabelecer uma instância de debates acerca de um conjunto de temas que não encontra ponto pacífico em muitas abordagens existentes. Para isso, buscou-se dimensionar o destaque à ampliação dos processos de desarticulação de maniqueísmos, ao alargamento imaginário do universo infanto-juvenil, e à conjectura de interação circunstancial entre diferentes modalidades de literatura.

Dessa maneira, tal intento não procurou sinalizar uma operação retificadora ou um composto de proposições que venham a aparar arestas ou revelar tensões encobertas que ainda não foram expostas em contextos diversos (tarefa de traçado próprio para outros limiares). Não obstante, este estudo tentou descortinar a meta de que para cada ruptura efetuada sobre maniqueísmos possa geminar a percepção da existência de pontos críticos ainda mais agudos. E, mais significativo, destacamos para a aproximação dessa meta a preponderância de uma perspectiva em que as atividades de criação e crítica literária

(malgrado ou bem-vindas configurações de autoprojeção, apriorismo e imanência) tenham as condições e os cuidados para estar no mundo de maneira basilar e incisiva, uma vez que imbricadas em dois vórtices que demandam extrema acuidade: a voragem da série literária e o turbilhão dos acontecimentos.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. *O sadismo de nossa infância*. São Paulo: Summus, 1981.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BONNICI, Thomas. “Teorias estruturalistas e pós-estruturalistas”. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.
- CALVÃO, Rafaela Nichols. Homem versus Autor: o caso do Marquês de Sade. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2 ed. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- _____. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- ESOPO. *Fábulas*. Trad. Antônio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- NUNES. Benedito. *No tempo do niilismo e outros ensaios*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- TODOROV, Tzvetan. *Crítica de la crítica*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1991.
- VILELA, Luiz. *No bar*. São Paulo: Ática, 1984.
- _____. *Tremor de terra*. São Paulo: Ática, 1978.
- _____. *Tarde da noite*. São Paulo: Ática, 1980.
- _____. *Contos da infância e da adolescência*. São Paulo: Ática, 2005.
- _____. *O fim de tudo*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

Artigo recebido em: 10/08/18
Artigo aceito em: 20/09/18